

PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM A ESCRITA DE TEXTOS ACADÊMICOS NO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO PEDRO II

Jéssica do Nascimento Rodrigues; Fabiana dos Anjos Pinto; Juliana Pereira Lannes

(*Universidade Federal Fluminense, jessica_rodrigues@id.uff.br; Colégio Pedro II, fabianjos.lettras@gmail.com; Colégio Pedro II, juliana.lannes@gmail.com*)

Resumo: O Projeto de Iniciação Científica Júnior *A Leitura e a Escrita Acadêmica: interlocuções com a educação básica* surgiu em 2015 do interesse de apresentar a estudantes do ensino médio, interessados em ingressar na academia, alguns gêneros comuns ao domínio universitário, focalizando algumas práticas de ler-escrever que lhes possibilitassem esse primeiro contato e minimizassem as dificuldades de inserção nessas práticas. A perspectiva teórica que embasa o projeto é a concepção de linguagem como produção sócio-histórica e dialógica, os Estudos do Letramento e estudos portugueses acerca da Literacia Acadêmica, refletindo sobre os letramentos como práticas sociais situadas em esferas discursivas. O objetivo, neste artigo, é o de relatar a experiência da terceira edição do referido projeto, a de 2017, retratando as atividades desenvolvidas e os modos de participação dos alunos nessa empreitada, no sentido de desenvolver uma comunidade discursiva que vivenciasse a rotina, as demandas e os rituais linguístico-discursivos da academia no interior da escola, o que tomou corpo por duas razões: maior integração desses alunos aos eventos do colégio, além de mais participações dos membros, entre docentes e discentes, no cotidiano das universidades do Rio de Janeiro. Ampliaram-se, portanto, as possibilidades de os estudantes se sentirem parte de uma comunidade cuja natureza é intrinsecamente dual: o grupo de estudantes da escola que está em fase de transição para a universidade. Essa essência dúbia, que precisava ser reconhecida e estimulada, foi construída, para além da escrita de gêneros acadêmicos na escola (de fichamentos a ensaios), pelo intercâmbio entre experiências escolares e universitárias.

Palavras-chave: Iniciação Científica Júnior, Escrita de textos acadêmicos, Letramento acadêmico, Ensino Médio.

Primeiras questões

Muitos dos alunos que cursam o ensino médio das escolas brasileiras sonham em ingressar no ensino superior. Não há novidade nessa assertiva. Também não há novidade na afirmação de que as práticas sociais letradas típicas do espaço das escolas de educação básica são diferentes das práticas decorrentes do universo acadêmico, considerando ainda que cada esfera discursiva, dentre escolas e cursos universitários diversos, é única, pois situada social e historicamente.

O Projeto de Iniciação Científica Júnior intitulado *A leitura e a escrita acadêmica: interlocuções com a educação básica* surgiu, então, em 2015, do interesse de uma das autoras deste texto, à época professora do Colégio Pedro II, *Campus Realengo II*, hoje vice-líder do Grupo de Estudos em Ensino de Português e Literaturas (GEEPOL), em apresentar a alunos do ensino médio, interessados em ingressar na academia, alguns gêneros comuns ao domínio universitário, focalizando algumas práticas de ler-escrever que lhes possibilitassem esse primeiro contato e minimizassem as dificuldades de inserção desses estudantes nessas práticas. O projeto cresceu e,

hoje, conta com a participação de outros docentes da instituição, como as demais autoras deste relato.

Para tanto, a perspectiva teórica do projeto e dos professores que com ele se envolveram se ancora na concepção de linguagem como produção sócio-histórica e dialógica. Além disso, os Estudos do Letramento e os estudos portugueses acerca da Literacia Acadêmica lhes deram suporte para refletir sobre os letramentos como práticas sociais situadas em esferas discursivas, já que cada campo de trabalho se relaciona a um modo específico de linguagem, não isenta de relações hierárquicas, ideológicas e de poder, porque jamais neutra.

Nesse contexto, as autoras objetivam, neste texto, relatar sumariamente a experiência da terceira edição do referido projeto, a de 2017, retratando as atividades desenvolvidas e os modos de participação dos alunos nessa empreitada.

A leitura e a escrita acadêmica: interlocuções com a educação básica

No Brasil e em outros países, como Portugal, é bastante corrente professores universitários demonstrarem preocupação com as dificuldades dos estudantes de ler-escrever textos do domínio acadêmico. Consoante Carvalho (2012), não obstante o problema esteja claramente identificado, os caminhos para solucioná-lo não estão, até porque desinentes de fatores intrínsecos (a natureza própria da escrita, por exemplo) e extrínsecos (as condições de trabalho, por exemplo).

Segundo Carvalho (2013b, p. 225),

[...] a explicação para as dificuldades de escrita dos alunos que frequentam o ensino superior não se encontra apenas nas práticas de ensino no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa/Português. Há outros fatores na sua base, nomeadamente aqueles que, implicando a escola em geral e cada disciplina em particular, têm a ver com as práticas de construção e elaboração do conhecimento, com a comunicação dos saberes em contexto pedagógico e com o modo como a linguagem escrita (não) é implicada no quadro desses processos.

Em outras palavras, o autor reitera que, na educação básica, não se encontram todas as fontes das dificuldades apresentadas pelos estudantes universitários, muito menos nas aulas de Língua Portuguesa. Na verdade, acreditar nisso seria enquadrar-se na concepção de letramento autônomo tão criticada por Street (1984), referindo-se ao desenvolvimento cognitivo do sujeito e a sua dimensão individual. Para Carvalho (2013b), a origem de tais dificuldades está nas práticas de ler-escrever vivenciadas pelos estudantes. Pensar em letramento ideológico, também na perspectiva de

Street (1984), diferente do letramento autônomo, é reconhecer sua dimensão social, reconhecer que é situado no contexto em que as práticas sociais letradas se desenvolvem.

Para Marinho (2010), ademais, não há a prática da pesquisa e do ensino da escrita nas universidades brasileiras, assertiva que constitui justamente o discurso segundo o qual a aprendizagem do ler-escrever ocorre nas escolas. No entanto, quando se reconhece o letramento como prática social e o domínio de um gênero como comportamento social, o caminho mais adequado é que “os alunos universitários se familiarizem e aprendam a ler e a escrever os gêneros acadêmicos, sobretudo, na instituição e nas esferas do conhecimento em que são constituídos, portanto, quando se inserem nas práticas de escrita universitária” (MARINHO, 2010, p. 366). Acrescentam Souza e Basseto (2014, p. 87):

Tal dificuldade está relacionada, muitas vezes, à falta de conhecimento sobre o que é a academia, qual é o discurso acadêmico, quais são as práticas acadêmicas e, conseqüentemente, quais são os gêneros acadêmicos – e como produzi-los. Ou seja, para que o indivíduo seja totalmente inserido no meio acadêmico, há de se considerar que ele deva participar ativamente dessa comunidade discursiva e, conscientemente, refletir sobre ela para que possa sentir-se parte dela.

A aprendizagem da modalidade escrita, instrumento de mediação entre o sujeito aprendente e o objeto aprendido, e que tanto aflige estudantes universitários, “tem de ser utilizada no quadro de tarefas que envolvam o aluno numa transformação do conhecimento pela implicação dos seus saberes prévios e a reflexão sobre as suas próprias experiências” (CARVALHO, 2013b, p. 226). Segundo o autor, embora se reconheça a importância da escrita nos processos de aprendizagem, o que ocorre nas escolas de educação básica não corresponde às práticas de transformação do conhecimento. A exemplo, no contexto português do qual o autor fala e no contexto brasileiro, como apontam algumas pesquisas, os manuais ou livros didáticos, muitas vezes centrais nas salas de aula, não costumam favorecer essas práticas, pois muito restritos à reprodução do conhecimento. No caso, a fonte de informações dos estudantes, além, claro, do manual ou livro didático, costuma ser a internet, cujo uso inapropriado é bastante comum (CARVALHO, 2013a, 2013b). Nesse sentido, Fiad e Miranda (2014) defendem a articulação entre letramento acadêmico e letramento digital.

Na universidade, ainda segundo Carvalho (2013a, 2013b), espera-se do estudante uma escrita que privilegia muito mais a construção do conhecimento e a interação com fontes diversificadas, passando o professor a constituir apenas uma dessas fontes e a tomada de notas pelo estudante uma prática fundamental: “o aluno deve agora ler novos gêneros textuais, livros, capítulos de livros ou

artigos em revistas científicas [...], muito diferentes dos textos dos manuais escolares e dos livros auxiliares com que se acostumou a trabalhar ao longo dos anos” (CARVALHO, 2013b, p. 234).

Para além disso, não é comum, nos cursos superiores brasileiros, haver disciplinas introdutórias ou sequenciais ou mesmo laboratórios e cursos acerca do ler-escrever acadêmico. Quando há, são ocasionais em geral. Segundo Carvalho (2012), tais iniciativas decorrem, muitas vezes, do interesse de um ou outro docente, não com natureza institucional. Para ele,

Considera-se, assim, que o desempenho acadêmico não é apenas uma questão de conhecimento de conteúdo mas implica também saber compreender e produzir os textos em que se transmite tal conteúdo, que aprender esse conteúdo é sobretudo uma questão de linguagem, processo pelo qual a experiência se traduz em conhecimento, e que a cada conteúdo disciplinar corresponde uma linguagem, textos e formas de os ler e escrever especializados. (CARVALHO, 2012, p. 192)

Embora pareça elementar que o ler-escrever gêneros acadêmicos (desde fichamentos até teses) advenha das práticas sociais vivenciadas pelos discentes universitários, acredita-se que o processo de ensino dessa escrita nas Instituições de Ensino Superior ainda é insuficiente (MARINHO, 2010; FIAD; MIRANDA, 2014; SOUZA; BASSETTO, 2014). Logo, assumindo que o ler-escrever é objeto e ferramenta de ensino-aprendizagem, como salientam Carvalho (2012) e Carvalho e Barbeiro (2013), torna-se necessário introduzir na educação básica algumas práticas de escrita facilitadoras e promotoras da elaboração do conhecimento no contexto escolar, evitando atividades que se limitem à mera reprodução de informação.

Para que a escrita possa constituir uma ferramenta de aprendizagem eficaz, é necessário que o aluno vença o desafio da complexidade da tarefa. A eficácia da escrita na construção da aprendizagem depende de certos fatores que devem ser considerados como, segundo Päivi Tynjälä *et al.* (2001), o envolvimento dos alunos na tarefa de transformação do conhecimento, a implicação dos conhecimentos prévios dos alunos nas tarefas, a reflexão destes sobre as suas próprias experiências. (CARVALHO; BARBEIRO, 2013, p. 613)

Com base nesses apontamentos, no intuito de possibilitar práticas de leitura e escrita de gêneros acadêmicos a estudantes de ensino médio do Colégio Pedro II, *Campus Realengo II*, pensando na perspectiva da construção do conhecimento, produziu-se o Projeto de Iniciação Científica Júnior *A leitura e a escrita acadêmica: interlocuções com a educação básica*, relatado a seguir.

A experiência

Assim como ocorreu em 2015 e em 2016, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II publicou a Chamada Interna n.º 13/2017, de apoio a Projetos de Pesquisa de Iniciação Científica Júnior. Nesse momento, submeteu-se o Projeto de Iniciação Científica Júnior *A leitura e a escrita acadêmica: interlocuções com a educação básica*, com modificações em relação às edições dos anos anteriores. Dentre os objetivos do projeto, destacam-se: debater sobre a importância do Letramento Acadêmico na educação básica; propiciar um espaço de pesquisa, discussão, reflexão e escrita sobre temas atuais, de modo crítico, dentro do rigor do método científico, tanto para os professores quanto para os alunos envolvidos; estudar a linguagem acadêmica como variante de prestígio de ambiente mais monitorado; estudar a argumentação como estratégia de linguagem típica de textos acadêmicos; fomentar o interesse dos estudantes pelo ingresso no Ensino Superior; além de produzir e analisar textos escritos que sejam próprios dos rituais acadêmicos.

Considerando a proposta fulcral deste projeto – oferecer uma iniciação científica aos alunos do Ensino Médio –, disponibilizaram-se vagas para os estudantes nas categorias “bolsista” (quatro) e “voluntários” (oito), distribuídas em duas turmas, uma no turno da manhã e outra no da tarde, cada uma com seis integrantes. Os alunos bolsistas recebem o valor de R\$150,00 cada um.

Além de os estudantes desejarem, no Ensino Médio, antecipar as questões da vivência social e da produção textual universitária, o interesse considerável na proposta apresentada está relacionado, inclusive, ao fato de que, em 2015 e 2016, foram realizados, também no *Campus Realengo II*, projetos de iniciação científica júnior sobre letramento acadêmico e textos argumentativos, ministrados pela professora Jéssica do Nascimento Rodrigues, o último em parceria com outros seis professores. Esses projetos deram origem à edição de 2017, que ora se apresenta e se caracteriza como uma continuidade desse trabalho. Sendo assim, muitos dos alunos já esperavam pelo formato 2017 do projeto, estimulando, ainda, a candidatura de alguns dos participantes de 2016 nessa nova edição.

Embora apenas uma professora seja indicada como coordenadora do projeto atualmente, professora Fabiana dos Anjos Pinto, a edição de 2017 é uma realização do GEEPOL e envolve a participação de mais oito professores¹. Além disso, o projeto ainda conta com a colaboração da professora Jéssica do Nascimento Rodrigues, que já lecionou no Colégio Pedro II e, hoje, é docente

¹ Renata Calheiros, Luiz Guilherme Barbosa, Juliana Lannes, Maria Cecília de Moraes, Monique Débora, Antônio dos Santos Júnior e Marcos Ponciano.

da Universidade Federal Fluminense e colaboradora do Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE), que também faz intercâmbio com este projeto.

Para estruturar o projeto, como *corpus*, foram propostos textos de gêneros acadêmicos escritos (fichamentos, resumos, resenhas e ensaios), bem como produções de gêneros universitários orais (seminário e debate). Assim, como metodologia das aulas, o projeto foi organizado em sete módulos de forma que o estudante pudesse ter contato com textos acadêmicos lendo, analisando, (re)escrevendo e pensando-os como, conforme indica Street (2010), produtos de uma comunidade discursiva que possui normas e convenções próprias de produção do conhecimento. Vale ressaltar que os professores do GEEPOL, partindo de opções teórico-metodológicas diferentes, também possibilitaram aos alunos conhecer a heterogeneidade que constitui o discurso acadêmico.

Para fins de maiores esclarecimentos, torna-se necessário apresentar a seguir a logística de execução dos módulos, realizados no tempo de um mês a um mês e meio cada um.

1) *Introdução ao texto acadêmico*. Nessas aulas, debateu-se com os alunos como a produção do conhecimento pode se amparar cientificamente. Nesse sentido, discutiram-se as relações de aproximação e de distanciamento entre o saber escolar e o científico a fim de se compreender a necessidade da presença de alguns gêneros acadêmicos na educação básica. O módulo, portanto, visou à apresentação e à problematização das concepções de pesquisa, tema e problema, método e resultados, todos tão caros à iniciação acadêmica dos futuros universitários.

2) *Fichamento e resumo*. Nesses encontros, o gênero *fichamento* foi apresentado, sobretudo, como estratégia de estudo do texto acadêmico, enquanto o *resumo* foi discutido como procedimento de apropriação de discursos outros e como isso poderia ser feito de maneira produtiva e eficaz. Nesse percurso, portanto, ao tratar especialmente do resumo, os professores ofereceram aos alunos as várias formas de citação, de acordo com a ABNT, para problematizar os temas da autoria e do plágio.

3) *Resenha acadêmica*. Nesse módulo, o objetivo foi o de apresentar a estrutura retórica básica do gênero *resenha acadêmica*, promovendo, assim, condições para que o aluno pudesse identificar, com habilidade, as características desse gênero e estivesse apto a produzir a sua própria resenha de base argumentativa. O esperado era que cada estudante elaborasse um texto acerca de uma mesma produção artístico-cultural escolhida por todo o grupo.

4) *A língua portuguesa padrão em ensaios e artigos acadêmicos*. A discussão proposta em tal módulo teve como finalidade o estudo da linguagem acadêmica como variante de prestígio, de ambiente mais monitorado, para que o estudante se apropriasse de específicas estruturas linguísticas

(textuais e gramaticais), necessárias à credibilidade em textos argumentativos (o chamado argumento de competência linguística). Nessa perspectiva, tornou-se relevante, inclusive, uma análise comparativa dos gêneros em questão, para que os estudantes avaliassem até que ponto o nível de formalidade linguística e a natureza dos argumentos previstos em cada gênero podem ser determinantes para a construção de diferentes faces da argumentação acadêmica.

5) *Ensaio acadêmico*. Nessa proposta de curso, discutiu-se com os alunos a potencialidade do ensaio como um gênero que, por sua autorizada liberdade de criação, reinventa gêneros acadêmicos canônicos. Por isso, sendo o nome para um texto híbrido, aberto, duvidoso, pôde-se ressignificar a palavra “ensaio”, entendendo-a como uma força para a escrita de textos acadêmicos por questionar a sua institucionalização.

6) *Orientação do trabalho final*. Nessas reuniões, pretendeu-se promover e possibilitar a atividade de orientação do trabalho final – a escrita de um ensaio –, de modo que cada aluno tivesse uma rotina semanal de encontros com o seu orientador até a culminância desse trabalho.

Importante ressaltar que fazia parte do planejamento do primeiro módulo que bolsistas e voluntários apresentassem os temas de interesse dos seus ensaios. Essa dinâmica possibilitou aos docentes envolvidos uma escolha consciente dos seus futuros orientandos porque direcionada, a partir de então, pelas afinidades acadêmicas e conceituais com os temas em questão.

Assim, no decorrer dos demais módulos, em paralelo com a dinâmica das aulas, houve a orientação dos alunos para a escrita do ensaio, cuja primeira versão foi analisada em dezembro de 2017, em uma apresentação parcial do trabalho final, evento interno organizado pelos membros do GEEPOL no Colégio Pedro II. Com essa estratégia de análise inicial e coletiva dos ensaios, os docentes pretenderam instaurar, em uma escola de educação básica, o processo da qualificação, muito comum no espaço acadêmico e cuja proposta consiste em promover uma avaliação primeira do trabalho escrito, após um tempo considerável de pesquisa.

Pela qualificação também foi possível analisar a contribuição da coorientação, processo pelo qual, com o incentivo dos orientadores, alguns estudantes optaram devido à natureza do tema, parcial ou totalmente distante do universo das Letras. Nesses casos, chegou-se à conclusão de que a integração entre professores diversos, para além de promover a inter e a transdisciplinaridade, colaborou sobremaneira para a argumentação mais autoral e tecnicamente mais embasada, tal como se espera de um texto acadêmico.

Como atividade final do projeto, no dia 10 de abril de 2018, bolsistas e voluntários apresentaram, na Jornada de Iniciação Científica Júnior do Colégio Pedro II, no campus São

Cristóvão III, os pôsteres que reuniram os resumos dos seus ensaios concluídos. Tal evento proporcionou, ele próprio, uma das vivências recorrentes em cenários universitários, como a exposição dos estudantes acerca dos trabalhos elaborados, bem como o trato com o público expectador nas respostas às questões levantadas.

Pela participação na Jornada de Iniciação Científica, ficou claro para os docentes presentes que não só os gêneros acadêmicos escritos, mas também os orais podem surgir como demandas dos estudantes que desejam ingressar no meio acadêmico. Isso porque os gêneros orais produzidos nas escolas – como apresentação de trabalhos em grupo, debates e seminários –, embora presentes nas universidades, não são os únicos em ambiente acadêmico, o qual conta, ainda, com modalidades variadas de oralização do discurso acadêmico, como apresentação de pôsteres, de monografias, comunicações orais, entre outros. Por essa razão, pretende-se, em edições futuras do Projeto de Iniciação Científica Júnior, trabalhar com gêneros universitários escritos e orais em ofertas equivalentes ao público discente. Essa e outras medidas, ainda em avaliação pelos membros GEEPOL, estão sendo consideradas para minimizar ainda mais o intervalo entre a escola e a universidade, no tocante aos comportamentos sociais orais e escritos dos estudantes.

Nessa perspectiva, pensando em propiciar essa troca de vivências e práticas letradas diversas, executamos também as seguintes ações:

- Estudantes de 2017, em conjunto com bolsistas da edição anterior do projeto, organizaram o lançamento do minilivro artesanal sobre os ensaios produzidos em 2016. Esse evento ocorreu na I JEL (I Jornada de Ensino e leitura do GEEPOL) e mobilizou a comunidade discente escolar, já que muitos alunos foram prestigiar os colegas. Muitos dos participantes da Iniciação Científica, na ocasião, doaram os livretos artesanais e fizeram rodas de leitura como forma de divulgação e de esclarecimentos acerca do que se trata uma proposta de ensino da escrita acadêmica na educação básica. Tal iniciativa aproximou mais ainda os estudantes da educação básica ao universo da educação superior, cujo ingresso é a expectativa, e mesmo o sonho, de muitos estudantes da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

- Bolsistas voluntárias de 2017 palestraram, junto à coordenadora da atual edição do projeto, no evento I Seminário Integrado de Licenciaturas do Instituto de Letras da UERJ, a convite do coordenador do Instituto de Letras da referida universidade. Tal encontro foi uma oportunidade de os discentes do PIC 2017 levantarem questões relativas à necessidade e ao desejo de oportunizar o letramento acadêmico nos espaços da educação básica e do ensino superior, bem como de discutirem os motivos dessa demanda. Um aspecto bastante proveitoso desse encontro foi

possibilita a troca de vivências e saberes entre estudantes da escola e da universidade. Além disso, muitas sugestões sobre pensar o letramento acadêmico na faculdade de Letras e nas licenciaturas da UERJ foram apresentadas, o que reflete a concretização de outras ações futuras que possam ampliar o debate e o surgimento de mais projetos vinculados ao ler-escrever gêneros acadêmicos na educação básica.

- Discentes das edições de 2016 e 2017 participaram do 25º Jubileu de Prata do Programa de Alfabetização e Letramento (PROALE), na Universidade Federal Fluminense (UFF). Nesse evento, nossos estudantes apresentaram pôster sobre o projeto de letramento acadêmico do Colégio Pedro II, provocando, para além da divulgação, o debate acerca do tema e dos resultados até então obtidos. Demais estudantes do Colégio Pedro II, que não fazem parte do GEEPOL, mas que se interessam pelo projeto e vislumbram ingresso nos próximos anos, estiveram presentes no debate e em outras atividades oferecidas pelo PROALE.

- Bolsistas e voluntários da edição de 2017 apresentaram pôsteres em uma atividade pedagógica organizada pela professora Juliana Lannes, destinada às turmas de nono ano. O objetivo da culminância consistia em propiciar a discussão sobre o que os estudantes esperam do futuro escolar e por que razões buscam o universo acadêmico como parte de suas aspirações. Tal iniciativa colaborou para estreitar os laços entre estudantes da educação básica do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, bem como para esclarecer aspectos referentes ao ambiente universitário. Ademais, aguçou o interesse dos alunos do nono ano acerca do projeto e os fez refletir sobre a preparação para o mundo acadêmico que, apesar de parecer distante para muitos, será a realidade de muitos deles em alguns anos.

- Além disso, junto com a professora Jéssica do Nascimento Rodrigues e com o professor Luiz Guilherme Barbosa, um grupo desses estudantes participou da apresentação de uma palestra em uma faculdade particular da zona oeste do Rio de Janeiro, falando de seus ensaios e da experiência do projeto.

Notas finais

Na edição de 2017, o Projeto *Leitura e escrita acadêmica: interlocuções com a Educação Básica* apresentou aos docentes e discentes envolvidas oportunidades várias de (re)criar o universo acadêmico no ambiente escolar. A ideia de se desenvolver uma comunidade discursiva que vivenciasse a rotina, as demandas e os rituais linguístico-discursivos da academia no interior da

escola tomou corpo de forma mais profícua por duas razões especificamente: maior integração desses alunos aos eventos do colégio, além de mais participações dos membros da Iniciação Científica Júnior, entre professores e estudantes, no cotidiano das universidades do Rio de Janeiro.

Em consonância com a concepção de Souza e Basseto (2014), segundo a qual a identidade discursiva de um indivíduo somente se constrói pela vivência da comunidade na qual ele se insere, buscamos ampliar as possibilidades de os alunos se sentirem parte de uma comunidade cuja natureza é intrinsecamente dual: o grupo de estudantes da escola que está em fase de transição para a universidade. Nesse sentido, compreendemos que essa essência dúbia, que precisava ser reconhecida e estimulada, somente seria construída, para além da escrita de gêneros acadêmicos na escola, pelo intercâmbio entre experiências escolares e universitárias.

Referências

CARVALHO, José Antônio Brandão. A promoção de competências de escrita de estudantes de estudantes do ensino superior. In: CARVALHO, José Antônio Brandão; BARBEIRO, Luís Felipe; PEREIRA, Luísa Álvares; SILVA, António Carvalho da. (Orgs.). *Aula de língua: interação e reflexão*. Braga: Universidade do Minho Editora, 2012. p. 181-207.

_____. Literacia académica: da escola básica ao ensino superior – uma visão integradora. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 29, n. 2, 2013a.

_____. A transição para o ensino superior – novos contextos, novas práticas de literacia. In: PEREIRA, Luísa Álvares; CARDOSO, Inês. (Orgs.). *Reflexão sobre a escrita: o ensino de diferentes gêneros de textos*. Aveiro: Universidade de Aveiro Editora, 2013b. p. 225-239.

_____.; BARBEIRO, Luís Filipe. Reproduzir ou construir conhecimento? Funções da escrita no contexto escolar português. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 54, p. 609-792, jul./set. 2013.

FIAD, Raquel Salek; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva. Letramentos digitais e acadêmicos em contexto universitário: investigando práticas letradas em um curso de Letras de uma universidade pública. *Revista Colineares*, n. 1, v. 1, p. 31-50, jan./jun. 2014.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

SOUZA, Micheli Gomes de; BASSETTO, Livia Maria Turra. Os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por graduandos em letras e as possíveis implicações para a formação de professores/pesquisadores. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 83-110, 2014.

STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: CUP, 1984.

_____. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 541-5567, jul./dez. 2010.